

Entrevista

Danilo Marcondes é professor titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e professor associado da Universidade Federal Fluminense. Doutor em filosofia pela University of St Andrews, foi presidente da North American Association for the History of the Languages Sciences e professor visitante na Université Paris X. É autor de inúmeros artigos e livros sobre o ceticismo moderno, a filosofia da linguagem, a ética e manuais de filosofia, dentre os quais destacamos *Language And Action: A Reassessment of Speech Act Theory* (John Benjamins, 1984), *Iniciação à história da filosofia* (Zahar, 1997) e *Montaigne, a descoberta do Novo Mundo e o Ceticismo* (UFMG, 2012).

Ensaio Filosóficos: Em primeiro lugar, gostaríamos de agradecer-lhe por conceder-nos esta entrevista. O senhor poderia falar um pouco sobre sua trajetória acadêmica e filosófica? Como foi seu primeiro contato com a filosofia, seu percurso na universidade, os livros, artigos e manuais que são grandes referências para os estudantes de filosofia no processo formação docente.

Danilo Marcondes: Fiz graduação em Filosofia na PUC-Rio e me graduei em licenciatura, porque sempre me interessei pelo ensino de Filosofia. Fiz em seguida mestrado também na PUC e doutorado na Grã-Bretanha, na universidade de Saint Andrews, me especializando em Filosofia da Linguagem. De volta ao Brasil, comecei dando aula na PUC e no IFCS-UFRJ ainda com contratos temporários. Fiz concurso para o estado e dei aula no então Segundo Grau. Um pouco depois fiz concurso para a UFF, onde estou até hoje como tempo parcial e tornei-me professor de tempo integral na PUC. Portanto, dei aulas em várias instituições e em vários níveis, Segundo Grau, Graduação, Pós-Graduação, disciplinas de Filosofia para outros cursos. Considero essa experiência extremamente importante e particularmente gratificante. Os textos e material de ensino que tenho publicado e de que muito me orgulho, até porque têm tido muitas edições, surgiram da necessidade de preparar material para os cursos, para uso em sala de aula e foram testados ao longo dos anos com os alunos desses diferentes cursos e níveis. Sem essa experiência não teria sido capaz de escrevê-los.

Ensaio Filosófico: Para o senhor qual seria a importância da filosofia cética no momento atual, em que o mundo parece estar completamente descrente de qualquer possibilidade de resolução política, num momento em que a religião não parece mais atender ao clamor de seus fiéis, da desconfiança de um dogmatismo radical no campo das ciências e do capitalismo levado às últimas consequências?

Danilo Marcondes: O ceticismo é um pensamento de crise, que trabalha o conflito entre as várias correntes, questiona o dogmatismo das posições que se consideram portadoras da verdade e representa na modernidade um compromisso com a liberdade de pensamento, de se considerar alternativas, de não se pensar em uma única direção. No pensamento contemporâneo os ceticismos antigo e moderno deram origem à filosofia crítica ou à concepção de pensamento como tendo uma tarefa eminentemente crítica, portanto, aberto à transformação.

Ensaio Filosófico: Talvez seja mais fácil aceitar a impossibilidade do conhecimento, segundo uma perspectiva do ceticismo epistemológico, do que conceber a total ausência de sentido de nossa existência e de fundamentos para nossos valores morais. No contexto contemporâneo de busca pela felicidade, é possível viver o ceticismo?

Danilo Marcondes: O ceticismo não afirma a impossibilidade de conhecimento, isso seria dogmatismo! O ceticismo considera que a atividade da filosofia é crítica e investigativa, que de fato se caracteriza pela busca, pelo não conformismo pela problematização de um pensamento único, pronto e acabado, ou com a adesão total a um tipo de pensamento ou corrente filosófica, seja ela qual for. No pensamento contemporâneo a filosofia que talvez mais se aproxime do ceticismo seja o existencialismo, que coloca ênfase não na tarefa cognitiva do pensamento filosófico, mas em sua dimensão existencial, questionando inclusive que o homem tenha uma essência. A existência autêntica, para usar as palavras de Sartre, o modo de vida que devemos escolher, mesmo que isso envolva dificuldades, é a forma de vida que pode conduzir à felicidade, enquanto realização pessoal. Isso está relacionado à criatividade, à busca de seus interesses, ao prazer da convivência e ao compromisso social já que não somos seres isolados da comunidade, da sociedade. Há momentos em que as escolhas devem ser feitas,

o exemplo de Sartre foi a Segunda Guerra Mundial e a necessidade de resistir, de várias formas, aos nazistas. Michel de Montaigne no século XVI foi de certa forma precursor dos existencialistas nesse sentido.

Ensaaios Filosóficos: Qual seria a relação entre a filosofia analítica e o ceticismo?

Danilo Marcondes: Podemos sob muitos aspectos considerar a filosofia analítica como um método investigativo e nesse sentido tem uma grande afinidade com o ceticismo. Muitos dos autores contemporâneos que discutem o ceticismo tiveram formação analítica: Miles Burnyeat, Jonathan Barnes, Julia Annas, são alguns exemplos.

Ensaaios Filosóficos: Poderíamos dizer que a crise atual – se há realmente uma crise – dos modelos de representação, sejam eles políticos ou religiosos, é derivada de uma certa crise da linguagem? Caso seja, como ficaria a crítica acerca das produções ideológicas, que se contradizem a todo momento nos conduzindo á situações aporéticas?

Danilo Marcondes: Não só da linguagem se a entendemos no sentido estreito, mas se entendemos a linguagem em um sentido amplo como experiência de significado, sem dúvida as crises política, econômica, ambiental, existencial, estão ligadas a essas estruturas e se expressam sempre em linguagens (ênfatiso o plural) inclusive não verbais (processos semióticos).

Ensaaios Filosóficos: Como o sr. entende o místico em Witingestein? É possível uma relação do místico para pensar uma outra ética a partir de Witigenstein? Não seria esse místico a condição para se pensar novos caminhos para a crise na política mundial?

Danilo Marcondes: Nunca trabalhei a questão do místico e nunca discuti essa questão em Wittgenstein. Acho que o misticismo é um tipo de experiência que se vive, se pratica e é por definição difícil discuti-lo, analisá-lo. Os grandes místicos, como San Juan de la Cruz escrevem poemas e com isso podem nos transmitir algo, ainda que remotamente, de seu misticismo.